

VIII ENECIÊNCIAS 2024

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO INTERESSE E DECISÃO DAS MULHERES NEGRAS PELA CARREIRA DOCENTE EM CIÊNCIAS DA NATUREZA

Deisilene Souza Pereira

Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ
deisilenesouza@hotmail.com

Joaquim F. M. da Silva

Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ

Viviane G. Teixeira

Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ

RESUMO

O Brasil possui uma estrutura social historicamente marcada pela exclusão de corpos e mentes, sustentando relações de poder baseadas em raça, gênero, idade e classe. Essa exclusão resulta em profundas desigualdades sociais, refletida na baixa inserção das mulheres negras no campo educacional científico. Neste trabalho, busca-se apresentar a afetividade como um conceito poderoso para analisar como sua inserção em práticas pedagógicas pode influenciar a incorporação de novos conhecimentos por meninas negras. Tal abordagem pode impactar suas percepções, ações e interesses pelas Ciências da Natureza, levando-as a considerar a docência nessas disciplinas como uma escolha profissional? Para sustentar essa análise, utilizamos as abordagens de Henri Wallon, Paulo Freire, Lélia Gonzalez e Pierre Bourdieu, visando trazer a afetividade nas práticas pedagógicas como uma possibilidade no processo de construção de um ensino de ciências que contribua para a inclusão e o sentimento de pertencimento de meninas negras.

Palavras-chave: Afetividade; ensino de ciências; mulheres negras; capital cultural.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

O AFASTAMENTO DE MENINAS NEGRAS DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O Brasil enfrentou e continua a enfrentar um prolongado processo de (re)colonização, no qual os povos originários e africanos foram dominados e subjugados, utilizando-se da inferiorização cultural, econômica e social como instrumento. Diante desses desafios históricos, será extensa a trajetória de mitigação dos danos causados ao longo dos séculos.

No âmbito educacional, é evidente a presença de lacunas significativas nos processos de ensino, especialmente no que tange às pessoas pretas e pardas, que são as mais afetadas, o que é declarado pelas altas taxas de analfabetismo, sobretudo entre a população jovem. Em 2022, "entre as pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas (3,4%)" (IBGE, 2022, p. 3). Esses dados espelham a contínua reprodução das desigualdades sociais no Brasil.

Nesse contexto, não é surpreendente que a população negra apresente uma baixa autoestima em relação ao estudo das ciências da natureza, dado que as formas tradicionais de ensino muitas vezes dependem de um arcabouço teórico inacessível para grande parte dessa população, especialmente nas escolas públicas. Analisar o processo de subjugação de corpos e mentes nos leva a compreender esse fenômeno.

Fanon (2008) expressa que o domínio da linguagem confere poder ao indivíduo, pois a linguagem é uma ferramenta de dominação. No contexto educacional, o letramento científico pode ser entendido como um atributo que não apenas classifica, mas também hierarquiza corpos, funcionando como um mecanismo de exclusão. Essa exclusão é especialmente relevante em um sistema educacional que, como descrito por Bourdieu (1992), prioriza a reprodução social. Nesses casos, pessoas pretas e pardas são levadas a internalizar a ideia de

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

que áreas como matemática e ciências da natureza são inacessíveis a elas, perpetuando a marginalização de grupos historicamente excluídos.

O sistema educacional brasileiro atua como um dos instrumentos de controle cultural que perpetua as desigualdades raciais. Como argumenta Abdias Nascimento, a educação, em vez de promover a inclusão, muitas vezes é utilizada para manter a discriminação cultural e reforçar a exclusão das pessoas negras. Segundo ele, "o sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural" (NASCIMENTO, 1978, p. 95). Essa visão é desenvolvida por teóricos como Pierre Bourdieu, que aponta que a escola contribui para a reprodução social das desigualdades, favorecendo aos que possuem maior capital cultural (BOURDIEU, 2007). Com base no conceito de reprodução social das desigualdades discutido por Bourdieu, podemos aproximar suas ideias da análise de Silvio Almeida (2009), que argumenta que o racismo é um elemento central na constituição da estrutura social brasileira, funcionando como a base de todas as relações sociais um alicerce invisível, mas profundamente enraizado e naturalizado no cotidiano (ALMEIDA, 2029).

Nesse contexto, o racismo estrutural, que permeia o sistema educacional, pode ser interpretado como uma parte do processo mais amplo de genocídio simbólico e cultural da população negra. Abdias Nascimento refere-se a esse fenômeno como um "racismo mascarado", que se manifesta em diversas esferas da sociedade (NASCIMENTO, 1978).

Essa questão permanece relevante quando analisamos a atual situação da mulher negra em relação ao grau de escolarização. Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) indicam que as taxas de mulheres negras com ensino superior completo ainda são muito inferiores quando comparadas às de mulheres brancas. O estudo mostra que 29% das mulheres brancas alcançam o ensino superior completo, enquanto entre as mulheres negras esse número é de apenas 14%. Os estudos de Lélia Gonzalez (2020) são

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

pertinentes à avaliação desses números, ao mostrarem como a inclusão das mulheres negras no ensino superior não acompanhou o crescimento geral da presença feminina nas universidades. Esse cenário evidencia a seletividade e exclusão das instituições de ensino, que reforçam as desigualdades sociais, raciais e de gênero existentes.

Esses dados evidenciam que, mesmo após anos de discussões de políticas públicas, os ambientes educacionais ainda reproduzem as injustiças sociais e contribuem para a manutenção do *status quo* da estrutura social, refletindo o racismo estrutural presente no sistema educacional, que continua a marginalizar mulheres negras e a limitar seu acesso a posições de prestígio social.

Dados nacionais (PNAD, 2022) destacam uma preocupante taxa de evasão escolar entre jovens com 15 anos ou mais, que se intensifica entre as mulheres negras, cujos motivos para o abandono escolar incluem a necessidade de trabalhar e a gravidez. Para superar essas barreiras, é necessário que educandos e educadores atuem como agentes de transformação, utilizando a educação não apenas como uma forma de “transmitir conhecimento”, mas como uma ferramenta para a emancipação, rompendo com as limitações impostas pela origem social, racial e de gênero.

A reprodução de desigualdades, que se reflete em baixas taxas de escolarização e altas taxas de analfabetismo entre jovens negros, demonstra como o sistema educacional pode interferir nas suas subjetividade, fazendo-os internalizar a ideia de que certas áreas do conhecimento, como as ciências exatas e da natureza, lhes são inacessíveis. Entretanto, para algumas mulheres negras, a docência em disciplinas dessas áreas configura-se como o caminho de inserção neste campo do conhecimento científico (HEIDELMANN, 2022). Cabe-nos perguntar, então, quais são os fatores que contribuíram para essas escolhas? Teriam essas mulheres passado por contextos de ensino de ciências diferenciados? Diante dessa realidade

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

de desigualdade educacional e exclusão social, especialmente de mulheres pretas e pardas, seria a afetividade uma possibilidade teórica para avaliar se práticas pedagógicas por ela permeadas poderiam ser contributivas para a reversão desse cenário de exclusão?

A AFETIVIDADE COMO CAMINHO DE SUBVERSÃO

Com esse pano de fundo, a autora bell Hooks (2013) reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a autoestima e o reconhecimento das potencialidades dos alunos, especialmente os mais vulneráveis. Para Hooks (2013), o reconhecimento e a valorização dessas potencialidades são essenciais para fortalecer a autoestima, que, por sua vez, desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem e na construção do pertencimento.

Considerando o afastamento do ensino de ciências ao qual são levadas as meninas negras e o papel de transformação social que o conhecimento científico pode desempenhar, propomos uma abordagem sobre a potencialidade da afetividade como parte das práticas pedagógicas de ensino de ciências. A relevância desta abordagem se revela ao considerarmos que as meninas negras, dentro do sistema educacional, frequentemente enfrentam o estigma de serem vistas como não possuidoras de habilidades para o construir o conhecimento científico. Assim, a afetividade pode desempenhar um papel fundamental no processo de aprendizagem dessas educandas, configurando-se como uma possível ferramenta poderosa para engajá-las nas ciências e melhorar seu desempenho acadêmico.

Contudo, ainda há uma lacuna significativa na literatura brasileira quanto ao impacto da afetividade, no contexto do ensino de ciências, nas escolhas e motivações de meninas e mulheres negras. Ao realizar uma breve pesquisa no Portal Periódicos CAPES, utilizando as palavras-chave “afetividade”, “ensino de ciências” e “mulheres negras”, apenas um artigo

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



FAPERJ
Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

VIII ENECIÊNCIAS 2024

foi encontrado, sendo este voltado para a área da saúde e não abordando diretamente o ensino de ciências. Ao pesquisar a base de dados Google Scholar, nenhum artigo com essa temática específica foi identificado. Esses dados indicam a escassez de materiais que utilizem a afetividade como conceito norteador das práticas pedagógicas de ensino de ciências para meninas negras nas pesquisas publicadas em língua portuguesa até 2024.

Diante disso, este trabalho se propõe, a partir de uma abordagem teórica, a discutir como a afetividade pode ser uma ferramenta central para analisar de que forma as interações entre os agentes do campo educacional facilitam a aquisição de novos conhecimentos por mulheres negras, influenciando suas percepções, ações e preferências em relação às ciências da natureza.

A fim de compor as relações teóricas necessárias ao objetivo, tangenciamos as abordagens de Henri Wallon, Paulo Freire, Lélia Gonzalez e Pierre Bourdieu para trazer a afetividade nas práticas pedagógicas como possibilidade no processo de constituição de um ensino de ciências escolar que contribua para a inclusão e pertencimento de meninas negras.

Iniciamos pela consideração de que, durante muito tempo, a afetividade foi tratada como marginal no contexto educacional devido ao dualismo que priorizava a razão sobre a emoção, resultando na percepção de sua pouca relevância para a aprendizagem. As ideias positivistas de Auguste Comte reforçaram essa visão, refletida historicamente no currículo educacional. No entanto, novas correntes teóricas, como a teoria monista de Espinosa, começaram a integrar emoção e razão, desafiando o dualismo tradicional.

A mudança de paradigma, que representa um desafio significativo, dado o predomínio das ideias dualistas, encontra respaldo em outras correntes de pensamento. Autores como António Damásio e Henri Wallon contribuíram para essa revisão ao destacar a importância

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

da emoção na formação cognitiva do ser humano. Damásio argumenta que a emoção é fundamental para o raciocínio, enquanto Wallon ressalta que a afetividade e a cognição são indissociáveis, cada uma moldando e sendo moldada pela outra (LEITE, 2012).

A afetividade, nesse sentido, pode ser uma ferramenta potente para reverter padrões de exclusão escolar, sobretudo de alunas negras. O papel dos educadores, ao elevar a autoestima dos estudantes por meio de interações afetivas, está diretamente ligado à motivação e ao engajamento dos educandos com o conteúdo curricular. Esse vínculo afetivo pode ser visto como uma estratégia eficaz para combater a evasão escolar, principalmente entre alunos das classes populares e marginalizadas, que tendem a ser excluídos por um currículo descontextualizado e distante de suas realidades.

Paulo Freire (1987) compartilha dessa visão ao afirmar que o que chamamos de "evasão escolar" é, na verdade, resultado de um sistema excludente, que marginaliza alunos de classes populares. Esses estudantes, segundo Freire, são afastados do sistema educacional de diversas maneiras, o que se reflete nos dados da PNAD (2022), que mostram um grande número de estudantes fora da escola. As meninas negras, em particular, enfrentam esse afastamento devido, entre outros fatores, a um desinteresse, socialmente moldado pelo *habitus* e pelo capital cultural de origem, como argumenta Pierre Bourdieu, pelas disciplinas oferecidas na educação básica.

Assim, a lógica da evasão escolar amparada por um currículo descontextualizado que desvaloriza o capital de origem de grupos não hegemônicos, pode ser subvertida sob a perspectiva da afetividade. Bourdieu (2007) afirma que o *habitus*, que reflete as disposições internalizadas ao longo da vida, é moldado pelas condições sociais. Quando o sistema educacional falha em valorizar as dimensões emocionais e contextuais da vida dos estudantes, ele contribui para a exclusão de grupos já marginalizados.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Lélia Gonzalez (2020) contribui para compreendermos essa discussão direcionada às meninas negras, quando a teoriza por meio da interseccionalidade, demonstrando como a raça e o gênero, historicamente, se combinam para marginalizar as mulheres negras no Brasil, tanto no contexto educacional quanto nas estruturas de poder mais amplas. Para ela, o racismo e o sexismo estrutural moldam as trajetórias dessas meninas e mulheres, o que se reflete, como já dito, na baixa porcentagem de mulheres negras que concluem o ensino superior, como mostram os dados do IBGE (2022). Consideramos que a afetividade pode funcionar como elemento de uma prática pedagógica que desafie essas estruturas de exclusão, já que se constitui como meio de promoção de um espaço de acolhimento e valorização dos capitais de origem de meninas e mulheres negras, interferindo nos processos de constituição do *habitus* e gostos, configurando suas trajetórias educacionais. Portanto, as práticas pedagógicas baseadas na afetividade têm o potencial de transformar essa realidade, engajando as alunas e fazendo com que elas se sintam pertencentes ao ambiente escolar, o que pode influenciar diretamente o interesse e a motivação por disciplinas como as Ciências da Natureza.

Utilizando todos esses conceitos de forma entrelaçada e interligada, podemos analisar que as escolhas profissionais das meninas negras pela docência podem ter sido fortemente influenciadas pela afetividade durante a Educação Básica. Essa influência pode ter contribuído a atingir decisões que desafiam uma estrutura social profundamente desigual, subvertendo o caminho esperado e optando pela formação docente no ensino de ciências da natureza. Nesse sentido, é relevante considerar a análise de Heidelmann (2022) em sua tese de doutorado, na qual aponta que diversos fatores colaboram para a formação docente, ressaltando a importância das relações para a ampliação do *habitus* e do capital cultural dessas educandas.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Essa perspectiva reforça a importância de entender a formação e as escolhas das meninas negras como um processo influenciado por múltiplos contextos. A afetividade, portanto, emerge como um elemento central na prática pedagógica, ampliando as oportunidades dessas educandas e motivando-as a seguir um caminho contra-hegemônico, como a docência nas ciências da natureza, que historicamente as excluiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise, torna-se evidente a exclusão das mulheres negras do sistema educacional brasileiro, marcada por uma baixíssima representação, especialmente nas Ciências da Natureza.

Com base nas discussões de Bourdieu, é possível entender que as escolhas profissionais, não são inatas ou puramente individuais, mas socialmente construídas. As mulheres negras, ao adentrarem essa área do conhecimento, desafiam as expectativas impostas por um sistema que historicamente lhes nega a possibilidade de atuar neste campo social. Nesse sentido, o papel dos agentes educacionais – professores, orientadores pedagógicos e diretores – é crucial para a sua inserção. Ao apoiar e incentivar essas mulheres, esses agentes atuam como mediadores importantes no acesso a novos campos de conhecimento e de atuação, ampliando as oportunidades de escolha e autonomia dessas alunas.

Nesse contexto, sugerimos que reconhecer a afetividade como componente norteador das práticas pedagógicas pode ser um ponto de interferência significativo no processo de engajamento das jovens mulheres negras na educação científica. A afetividade, conforme enfatizado por Wallon e Damásio, não apenas auxilia na construção do conhecimento, mas também na elevação da autoestima, elemento fundamental para que essas mulheres possam vislumbrar novos horizontes acadêmicos e profissionais. Embora ainda não possamos

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carollina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

afirmar categoricamente que a afetividade seja o fator determinante, é plausível sugerir que ela tem o potencial de abrir espaço para novas rupturas sociais, oferecendo às alunas negras um ambiente mais acolhedor e encorajador, que as motive a se engajarem nas Ciências da Natureza. Por fim, ao utilizar a educação como um espaço de resistência social, onde o afeto e a inclusão são ferramentas centrais, podemos transformar o sistema educacional em um ambiente que desafia as estruturas sociais vigentes. As práticas pedagógicas baseadas na afetividade têm o potencial de criar conexões significativas entre essas jovens mulheres negras e o campo das Ciências da Natureza, desafiando estereótipos sobre quem pode ou não aprender ciências. Pensar em práticas que rompam essas estruturas é também pensar a formação docente como uma das frentes de batalha política contra a colonialidade e a exclusão, reafirmando o papel da educação como um motor de transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

HEIDELMANN, Stephany Petronilho. *Trajetórias formativas e identidade docente de mulheres negras no Curso de Licenciatura em Química do IFRJ – Duque de Caxias*. 2022. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *PNAD Contínua: Educação 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas psicol.*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. ISSN 1413-389X.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. *Vygotsky e as teorias da aprendizagem*. 2006.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas. *HISTEDBR: Navegando na história da educação brasileira*, 2006.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, II, 2002, Natal/RN. *Anais...* Natal: SBHE, 2002.

Realização:



Apoio:

